



IDeLAS

Informação sobre *Desenvolvimento, Instituições e Análise Social*

AL SHABAAB EM CABO DELGADO: DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DO ISLÃO EM CHOQUE?

Sérgio Chichava

Introdução

O conflito armado que assola o norte de Moçambique com particular incidência a província de Cabo Delgado desde 5 de Outubro de 2017, foi inicialmente marcado por uma confrontação ideológica entre os seguidores do grupo localmente conhecido por “Al Shabaab”, defensor de uma versão extremista do Islão e os Muçulmanos locais, particularmente do Conselho Islâmico de Moçambique (CISLAMO)¹.

Basicamente, esta confrontação opunha grupos que se consideravam os “verdadeiros Muçulmanos ou “verdadeiros filhos de Maomé” e via os outros como “ignorantes”. A luta “ideológica” era entre outros, feita através de difusão de mensagens escritas ou áudios em que cada uma das partes defendia a sua visão do Islão, considerando as práticas do outro como contrárias à religião islâmica. Por parte do CISLAMO, a confrontação era também feita através de denúncias às autoridades, palestras e aconselhamento às comunidades locais a não aderir ao que era visto ou considerado como más práticas do “Al Shabaab” em Cabo Delgado.

Com base em entrevistas realizadas em Pemba, relatórios, artigos publicados na imprensa, material audiovisual, este artigo tem como objectivo, mostrar como se desenrolou este conflito e quais foram as suas repercussões antes e depois do ataque de 5 de Outubro de 2017. Primeiro, apresenta-se de forma breve, a nova “sociedade” defendida pelo Al Shabaab e a reacção do CISLAMO à propaganda deste grupo e, em seguida, a resposta do Al Shabaab ao CISLAMO².

A nova sociedade defendida pelo “Al Shabaab” e a reacção do CISLAMO

Embora seja difícil datar com exatidão a aparição do Al Shabaab em Cabo Delgado, pode-se afirmar com base em relatos locais, que os seus efeitos começaram a se fazer sentir desde o princípio da década de 2010. Nalguns distritos como Macomia, que é um dos mais afectados pela guerra, aponta-se 2015³.

Nesta altura, os Muçulmanos locais começaram a notar a presença de uma religião, que apesar de se dizer islâmica, defendia princípios que eles consideravam estranhos e contrários a esta fé. Basicamente, o grupo defendia a

implantação radical da lei islâmica em Moçambique e o combate aos que a ele se opunham. De entre as diferentes ideias defendidas por este grupo estava por exemplo, a rejeição do Estado moçambicano e seus símbolos, bem como a convivência com ateus ou com outras confissões religiosas.

A presença deste grupo em Cabo Delgado também era conhecida pelo governo e pelo partido Frelimo desde essa altura, sem, no entanto, ser considerada uma ameaça ao país; e, as divergências com os Muçulmanos locais, eram vistas como mera diferença ideológica. Por exemplo, em 2013, Sérgio Vieira, figura histórica da Frelimo, fazendo uma breve análise dos potenciais perigos regionais que podiam afectar a estabilidade política de Moçambique na sua coluna habitual do semanário “Domingo” dizia:

“Nada nos ameaça do lado tanzaniano,...., salvo os surtos fundamentalistas que matam gente inocente e que, cedo ou tarde podem chegar à nossa terra, com tão pouco controlo que fazemos desses inúmeros imigrantes e missionários... que nos vêm ensinar a rezar e odiar o próximo (Vieira, 2013)”.

A confirmação da existência deste grupo desde o início da década 2010, também foi feita pelo presidente Nyusi em Dezembro de 2020, no chamado “Discurso Sobre o Estado Nação”. Neste discurso, Nyusi afirmou que o governo dispunha de informações sobre a existência do Al Shabaab desde 2012. De acordo com Nyusi, este grupo radical islâmico era liderado por cidadãos estrangeiros, particularmente Tanzanianos, e a sua actuação se caracterizava por incitação à desobediência à Constituição da República, proibição das crianças frequentarem as escolas públicas a favor das madraças, bem como a defesa da entrada nas mesquitas com sapatos, calções e objectos contundentes (VOA Português, 2020)..

As primeiras reacções dos Muçulmanos em Cabo Delgado, consistiram entre outros, em rejeitar as ideias do Al Shabaab e expulsar os seus adeptos das suas mesquitas. Seguiram-se depois denúncias às autoridades bem como promoção de campanhas de sensibilização junto das comunidades onde se aconselhava a rejeição das ideias defendidas por este grupo.

Por exemplo, reagindo a uma das ideias do Al Shabaab

segundo a qual o Muçulmano não devia ser funcionário público, de um Estado dirigido por descrentes, porque era Haram (pecado), Abdulcarimo Fadile, um dos líderes do CISLAMO em Pemba, publicou em 2015, um texto intitulado “O problema do Muçulmano ser um funcionário público” no qual denunciava a existência de um grupo de indivíduos que em nome do Islão fomentavam uma “ideologia” contrária aos princípios islâmicos, perturbando a convivência entre os Muçulmanos naquela província. Fadile aconselhava os Muçulmanos a alertar as autoridades e os demais sobre a existência deste grupo de “ignorantes” e “retrógrados” que punha em causa a integridade do Islão e a convivência pacífica entre as religiões em Moçambique (Fadile, 2015).

Numa conferência que reuniu Muçulmanos de vários pontos do país, realizada em Nampula em Novembro de 2016, o líder do CISLAMO, Sheik Aminuddin Mohamad afirmou que as seitas radicais que pululam pelo país, aproveitavam-se da ignorância e da pobreza dos Muçulmanos “ingénuos” para desencaminhá-los e faziam “parte da guerra global contra o islam [visando a] destruição dos Muçulmanos...” (Mohamad, 2016:11).

Háfiz Bin Nuro, que falava em nome do CISLAMO de Cabo Delgado nesta conferência, dizia entre outras coisas, que neste província havia muitas seitas que pregavam um Islão radical, sendo a mais a importante, o Al Shabaab, cuja influência era mais notória nos distritos de Palma, Nangade, Mocimboa da Praia e Montepuez. Segundo Bin Nuro, o Al Shabaab incitava à violência e ao descontentamento contra os líderes Muçulmanos, e prometia atacar o todo o Muçulmano que segue as tradições e práticas do profeta do Muhammad diferentes das defendidas por aquele grupo (Bin Nuro, 2016:13).

A propaganda do Al Shabaab, também era rebatida em períodos de celebração de festas religiosas. Na festa do Eid Ul Fitre de 2016 em Pemba, os Muçulmanos locais denunciaram o que consideravam ser atitudes contrárias ao Islão, propaladas por alguns “conservadores”, em algumas regiões de Cabo Delgado. De acordo com os líderes locais, entre outras coisas, estes indivíduos obrigavam as mulheres a usarem a burka, cobrindo toda a cara, considerando quem não a usasse como prostituta (Wazir, 2016).

¹ O CISLAMO é uma organização Wahabita criada em 1981 e legalizada em 1983.

² O material audiovisual referenciado neste texto foi oferecido ao autor em Pemba em 2020. Por razões de confidencialidade não são referidos os seus autores, locais e ano de difusão.

³ Sobre Macomia, ver por exemplo, ver (STV, 2018).

Rejeitados pelos Muçulmanos locais e denunciados às autoridades, os seguidores do Al Shabaab construíram suas próprias mesquitas, muitas delas com material precário. Algumas destas mesquitas foram destruídas por populares, à semelhança do que aconteceu em Outubro de 2016 na aldeia Cogolo, em Pangane, sob pretexto que os seus membros eram contra a religião muçulmana.

É importante sublinhar que imediatamente, a seguir ao 5 de Outubro de 2017, moçambicanos da religião muçulmana que estudaram na Tanzânia, Sudão e Arábia Saudita (parte significativa dos que estudaram nestes países são do CISLAMMO) foram acusados de estar por detrás dos ataques. As acusações vinham tanto do governo, assim como de outros grupos religiosos, incluindo, outros Muçulmanos.

Por exemplo, Rodrigo Paruque então administrador de Mocimboa da Praia, dizia que os líderes do Al Shabaab que tinham liderado o ataque àquele distrito tinham estudado naqueles países (Diário de Notícias, 2017). Já Abdul Rashid Ismail, presidente do Comunidade Islâmica de Moçambique (CIMO), uma organização muçulmana sediada na cidade da Beira e que se define como seguindo a filosofia "Ahlus Sunnah Wal Jama'ah" (seguidores da tradição sunah) dizia:

"Nós (CIMO) temos controlo total sobre os professores das madraças. Os nossos professores não são formados no estrangeiro, todos são formados em Moçambique. Se há pessoas que tem esses tipos de comportamento não estão ligados a nós de forma alguma ... as pessoas que têm ideais radicais, extremistas e fundamentalistas são pessoas que estudaram maioritariamente na Arábia Saudita e aprenderam o fanatismo, o wahabismo (Diário de Notícias, 2018)".

De certa forma, esta suspeição afectou inicialmente a imagem do CISLAMMO naquela região e justifica-se entre outros, pelo facto de alguns dos seus membros terem sido adeptos do Al Shabaab, à semelhança de Mahamudo Sahah, um dos líderes do grupo (pelo menos na fase inicial) em Macomia⁴.

A resposta do "Al Shabaab" ao CISLAMMO

Não conseguindo convencer o CISLAMMO a juntar-se à sua causa e já com as autoridades no seu encaço, o Al Shabaab reagiu agressivamente. Uma das formas de reacção foi a difusão de mensagens em forma de áudios rebatendo a ideia de que eles não eram verdadeiros Muçulmanos; argumentando que quem devia ser combatido eram os Muçulmanos que não aderiam aos seus princípios. Estes áudios, dizia o Al Shabaab, deviam ser encaminhados em particular, aos líderes do CISLAMMO, principais alvos dos seus ataques e a quem por vezes, designavam por "Sheiks da Africa Muslim", em referência à ligação que alguns deles tem com a Africa Muslim Agency (AMA).⁵ Como diz Bonate (2009), a relação entre o CISLAMMO e a AMA é (ou era) tão forte que, em Pemba, as duas instituições são (eram) vistas ou consideradas como sendo uma única entidade. Não é de admirar, pois, os principais líderes do CISLAMMO em Pemba, incluindo seu actual presidente, estudaram em

países como Sudão e Arábia Saudita graças a bolsas da AMA.

Num dos áudios, o Al Shabaab condenava o facto de os líderes do CISLAMMO cooperarem ou conviverem com o governo, com outras confissões religiosas ou com ateus, afirmando que isso era contra os preceitos do Islão:

"Os Sheiks que nós temos estudaram e tem conhecimento, mas estão desviados; não querem se separar dos judeus; dos católicos; dos ateus; dos idólatras; o governo que temos hoje é praticante destas religiões; os Sheiks se unem e convivem com estas pessoas; com estas religiões ... Quando alguém [nós] fala a verdade, os Sheiks não gostam... Esses Sheiks são da Africa Muslim..."

Os seguidores do Al Shabaab, também estavam furiosos com os líderes do CISLAMMO pelo facto destes os terem denunciado às autoridades. Diziam não entender como um Muçulmano podia praticar o mal contra um outro Muçulmano, ou seja, não entendiam porque os líderes do CISLAMMO estavam a combater seus irmãos muçulmanos em conluio com o governo. Davam exemplo do que tinha acontecido nos distritos de Ancuabe (localidade de Intutupué) e Chiúre, onde, segundo eles, em virtude das denúncias do CISLAMMO, alguns dos seus adeptos ou seguidores tinham sido mortalmente baleados ou feridos e outros presos pelas autoridades. Para além disso, algumas das suas mesquitas tinham sido destruídas e seus membros expulsos:

"Ouvimos falar que os Sheiks da Africa Muslim de Intutupué e Chiúre, dizem que entrou um novo grupo denominado Al Shabaab e pediram apoio ao governo para ajudar a combater essas pessoas, porque não são Muçulmanos e insultam o profeta Muhammad. Por isso, mandaram balar nossos colegas, destruíram nossas mesquitas, esses da Africa Muslim ..., dizendo que que somos descrentes..."

Destes depoimentos, também pode-se depreender que os adeptos do Al Shabaab, para além do interior de Cabo Delgado estavam presentes em diversas mesquitas da capital desta província, Pemba, pois nas suas diversas mensagens faziam apelo aos jovens dos bairros daquela cidade nomeadamente de Chuiba, Ingonane, Expansão e Mahate, não só para fazerem chegar a sua mensagem aos líderes do CISLAMMO, mas também a combatê-los.

As ameaças do Al Shabaab aos líderes religiosos locais também são por estes confirmados. Por exemplo, o Sheik Selah Haif afirma que denunciou a presença do grupo em Macomia e foi ameaçado de morte (STV, 2018).

Não foi possível apurar se houve casos de assassinato a líderes religiosos antes do ataque de 5 de Outubro de 2017 a Mocimboa da Praia. Porém, após este ataque, foram reportados alguns casos, como por exemplo, o assassinato do Sheik Tuaha Hassane de Mocimboa da Praia que, desde o início, combateu o grupo, insurgindo-se contra a religião que estavam a tentar implementar e denunciando-os às autoridades locais. Tuaha Assane foi um dos líderes religiosos que aceitou falar à imprensa logo após o ataque

de 5 de Outubro, acreditando-se que para além de sempre ter publicamente discordado das ideias defendidas pelo Al Shabaab e ter-se recusado a juntar-se ao grupo, as suas entrevistas à imprensa, tenham sido o móbil do seu assassinato por decapitação em Junho de 2020, num dos vários ataques a Mocimboa da Praia⁶.

Conclusão

Procurou-se mostrar neste texto que os princípios defendidos pelo Al Shabaab, grupo que emergiu em Cabo Delgado no início da década 2010, defendendo uma versão radical do Islão, criaram fricções no seio da comunidade muçulmana local. Se a princípio as divergências em torno da interpretação do Al Corão foram pacíficas, rapidamente degeneraram em certa violência, com os seguidores do Al Shabaab não só a serem expulsos ou banidos das mesquitas locais, mas também a serem destruídas as que eles próprios tinham construído alternativamente. Os adeptos do Al Shabaab também foram denunciados, tendo alguns deles sido presos ou mortos. Isto levou a que este grupo considerasse os líderes muçulmanos locais, principalmente os ligados ao CISLAMMO, um alvo a abater. Entretanto, o início da subversão armada a 5 de Outubro de 2017, trouxe uma certa desconfiança em relação ao CISLAMMO não só por parte das autoridades governamentais, mas também por parte de outras entidades religiosas, pelo facto de alguns membros desta organização terem aderido ao Al Shabaab.

Referências

- Agência Lusa (2018). Que violência é esta? Um ano de reportagens no norte de Moçambique. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0Hav5As9g2Q>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- Bin Nuro, H. (2016) "Seitas emergentes em Cabo Delgado", SAUTUL & Visão Islâmica de Moçambique, Relatório da Conferência Islâmica. Os Desafios do Hoje e do Amanhã em Moçambique (10-13 de Novembro de 2016), pp.13-14.
- Bonate, L. (2009) Transformations de l'islam à Pemba au Mozambique. Afrique Contemporaine. 3 (231), 61-76.
- Diário de Notícias (2017) Autoridades identificam supostos líderes de ataques armados no norte de Moçambique. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/autoridades-identificam-supostos-lideres-de-ataques-armados-no-norte-de-mocambique-8961207.html>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- Diário de Notícias (2018) Comunidade islâmica de Moçambique critica ataques que prejudicam muçulmanos e denuncia "interesses. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/comunidade-islamica-de-mocambique-critica-ataques-que-prejudicam-muculmanos-e-denuncia-interesses-10317309.html>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- DW (2017) Detenção de muçulmanos divide opiniões após ataques no norte de Moçambique. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/deten%C3%A7%C3%A3o-de-mu%C3%A7ulmanos-divide-opini%C3%B5es-ap%C3%B3s-ataques-no-norte-de-mo%C3%A7ambique/a-41003604>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- Mohamad, A. (2016) "Mensagem do Eminent Sheikh Aminuddin Mohamad", SAUTUL & Visão Islâmica de Moçambique, Relatório da Conferência Islâmica. Os Desafios do Hoje e do Amanhã em Moçambique (10-13 de Novembro de 2016) pp.6-11.
- STV (2018) STV GrandePlano 11 02 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uS6rO5tc2Sc>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- Vieira, S. (2013). Sobre região intranquila. Domingo. Disponível em: <https://jornaldomingo.co.mz/index.php/arquivo/17-opinia/1077-sobre-regiao-intranquila>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- VOA Português (2022) Líder de uma mesquita decapitado em novo ataque no distrito moçambicano de Macomia. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/1%C3%ADder-de-uma-mesquita-decapitado-em-novo-ataque-na-aldeia-mo%C3%A7ambicana-de-macomia/6590444.html>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- VOA Português (2020) Presidente moçambicano Filipe Nyusi fala à nação sobre o terrorismo. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/presidente-mocambicano-filipe-nyusi-fala-a-nacao-sobre-o-terrorismo/5701669.html>. (consultado a 29 de Maio de 2022).
- Wazir, J. (2016) Cabo Delgado: Muçulmanos denunciam atitudes contrárias à religião. Disponível em: <https://jornalnoticias.co.mz/index.php/sociedade/54949-cabo-delgado-muculmanos-denunciam-atitudes-contrarias-a-religiao>. (consultado a 29 de Maio de 2022).

⁴ Sobre Mahamudo Sahah, ver (STV, 2018).

⁵ Segundo Bonate (2009), a AMA foi fundada em 1981 no Malawi por um médico do Kuwait, de nome Abd ar-Rahman Hamoud al-Sumait, como uma organização para os muçulmanos locais. Esta instituição cujos fundos vêm do Kuwait e dos países do Golfo, cresceu e se expandiu pelo resto da África Subsaariana.

⁶ Sobre as várias entrevistas do Sheik Tuaha Assane ver: (DW, 2017; Agência Lusa, 2018). Para além do assassinato de Tuaha Assane, foi reportado o assassinato de um outro líder religioso pelo Al Shabaab em Macomia, em Maio de 2022; Ver (VOA Português, 2022).